

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLÍTICA E DOS NEGÓCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440-C.

Ha por aí quem queira ser presidente da república?

Os bastidores de um alto cargo — Os mistérios dos estômagos presidenciais — Da lome negra à negra revolta — As horas amargas e a amarga pecunia — Presidente por anúncio — O triste fim de um chefe de Estado

Ainda vem muito longe o dôce outubro da queda das fôlhas e do sol pálido, o mês em que começam a agonisar as vegetações e os físicos, e, de quatro em quatro anos, a finar-se o período das presidências da república portuguesa e já, num rumor filarmônico e cívico, amigos partidários e admiradores dos presidenciáveis lançam à praça os pregões das virtudes, talentos e serviços dos seus candidatos.

Não me admira que tanto reclamo se faça em torno da eleição de um chefe de Estado quando muito mais se produz em volta de um simples emplastro para os calos ou de um violento formicida.

Se um pasmo me enche, diante dos ruídos e dos anuncios, dos artigos dos jornais e das discussões, êle é baseado apenas em pensar ainda haver alguém capaz de aceitar o encargo de presidir ao estado nacional.

Lançado no *Diário de Notícias*, na sua secção de anuncios, o pedido talvez não desse resultado:

PRESIDENTE DA REPUBLICA

PRECISA-SE

ORDENADO DE DEZOITO CONTOS POR ANO

PREFERE-SE CHEGADO DA PROVINCIA

Muita gente que não tem onde cair morta hesitaria, a não ser que preferisse achar o logar onde dar o ultimo baque.

É que, francamente, o ordenado é réles para os enormes perigos do cargo. Não ha comparação entre as honrarias do mais grado magistrado do país e o seu apanágio mas ela existe, desde que o mostremos sem sombras de querermos deixar vaga a cadeira curul, entre tão alta categoria e as mais baixas.

18 contos por año equivale a 1.500.000 réis por mês ou sejam 50.000 réis por dia. Desde que um fato de casaca custa 3.000.000, uma duzia de camisas, proprias para o traje, não se tira por menos de 1 conto e um chapéu alto vale 200.000 réis, umas botas de verniz 100.000, e tudo à proporção, o presidente não ganha para se vestir e a nação não póde tolerar o seu chefe de tanga.

Esse pobre senhor a quem os soldados, atulhados de rancho, apresentam as armas, — se não gastar as suas economias como fez Arriaga e está fazendo Antonio José de Almeida — deve passar fome porque reservando para as andainas 20.000 réis por dia, apenas lhe ficam 30.000 réis que é um parco almoço no Tavares sem entrar muito pelos licores. A Patria não póde admitir que o seu primeiro cidadão se sustente a fava rica ou vá à sopa economica.

Mas ha mais. A república, que se desenfranha em oiro para os moageiros e para os nescios diplomaticos, que paga palacios magnificos onde um bando de cretinos de chapéu armado se salamalequéa fingindo representar Portugal, por essa Europa, oferece ao seu maximo cidadão um anexo no palacio de Belem sem mobilia. E das duas uma: ou o presidente hade viver na travessa de Santa Gertrudes, entre rumas de livros, como succedeu a Teófilo ou terá, enquanto o mobiliario rico do Estado apodrece, que se arruinar com estofadores, decoradores e outros trapaceiros e tapeceiros como succedeu com o velho doutor Arriaga.

A instituição não póde consentir que o seu chefe ande de tarécos ás costas ou habite no Ferregial.

A vida de um presidente da república é mais triste que a triste vida do marujo.

Sentindo a sua volta as fardas dragonadas, atravessando as ruas nas carruagens à Daumont, ouvindo os brados das sentinelas e as salvas dos navios, recebendo com pompas os representantes estrangeiros e sentindo a homenagem da *Portugueza*, este cavalleiro tem a existência dolorosa de um comparsa que finge de imperador mudo num palco e à saída vai ás iscas tendo primeiro que contar o dinheiro.

Claro que o chefe do Estado deve ser casado. São necessarias as graças feminis não só para recolher os estrangeiros mas tambem para atrair os nacionais. Como andarà vestida a esposa desse supremo cidadão, que joias usará, quais os seus chapéus, as suas zibelinas, os seus adereços desde que o marido não ganha para comer?

Não se póde tolerar que um manfo de miseria cubra essa senhora que está em logar tão alto que todas a vêem.

Esta é a situação — senhores candidatos à presidencia da república — que deverão ter durante quatro annos, se lá chegarem, porque a maioria fica pelo caminho.

Julgar-se-há, depois deste quadro veridico mas terrivel, que os desditosos morrem de fome. Não; isso não. Apesar de ganharem menos do que um bom sapateiro de obra fina, de estarem a perder de vista de um guarda-livros rasoavel e nem se compararem a um presidente da assembléa geral de qualquer companhia, mesmo à beira da falencia, elles não

chegam à inanição. São quasi todos de origens modestas, detestam as comidas caras. Qualquer *vol-au-vent* produz-lhes ilatos e a Pomery entontece-os. Daí o abuso dos farinaceos usando a orelheira apenas aos domingos porque está tão cara que o ordenado de meio dia da presidencia dos destinos de um povo mal chega para kilo e meio de suíno fresco.

A morte que se lhes depara não é a dos famintos integrais; podem sentir fraqueza mas nunca a autêntica rafa; a que lhes sai ao caminho é a que vem nos canos das pistolas assassinas ou nos das espingardas revolucionarias, é a que nasce dos desgostos e das ingratidões, a que surge do meio da turba apupadora e cruel, desdenhosa e iconoclasta.

Realmente por 18 contos anuais é baratissima a perspectiva de se ser um cidadão bem vestido com a barriga a dar horas e um alvo de categoria para qualquer bom republicano dar tiros.

É preciso considerar-se que são sempre excelentes republicanos os que fazem as revóltas contra os presidentes da república ou que os assassina. Jámais os monarchicos tentaram uma cilada e na hora em que fizeram uma revolução o presidente do estado republicano era um seu correligionario transfuga que se vendeu por uma quantia misera e por um *crachá* extravagante.

Arriaga sofreu os impetos dos revolucionarios de 14 de maio, andou foragido como um soberano diante de rebeldes, a sua velhice dóce e terna procurou ás sombras desacolhedoras de um velho paço real, egual a um Goriot politico desdenhado depois de ter dado tudo à república. O doutor Bernardino Machado recebeu altas horas, as visitas de uns tenentes, na barulheira dos tiros de canhão, e apesar de sentir que o seu povo — são as palavras de sua excelencia — o amava, lá foi até à fronteira com uma guarda de cadetes fingindo muito bem de rei expulso. Meu Deus, como baixava as palpebras e como evocava o seu povo que chorava?! E eu vi chorar, é certo, vi. Chorava-se de riso. O povo é muito ingrato. Sidonio, esse, caiu varado à bala numa surpresa e o seu assassino anda por esse país fóra tratado à maneira de magno sacerdote do crime, chancelado de «querido correligionario» enquanto não o etiquetam de «salvador famoso dos fraternais principios». António José de Almeida já por duas vezes se sentiu abandonado no seu lar, onde vivem uma senhora e uma creança, sua esposa e sua filhinha. Enquanto nas ruas se fazia a revolução, numa das ocasiões, e na outra se matava ferozmente, este chefe da nação nem tinha a guarda-lo a sombra de um polícia ao passo que as tropas, bem atafulhadas de vinho e de rancho, ressonavam nas casernas.

Todos estes trabalhos, canseiras e perigos são pagos com 18 contos durante o exercicio e com uma grã cruz quando se acaba a presidencia.

Não sei se sabem o que é uma grã cruz? Trata-se de uma larga fita de várias côres, conforme a ordem que se use, a qual custa a 100:000 réis o metro; em baixo pendula, uma especie de pendurico que bate na perna esquerda do *rão-cruzado*. Isto tudo, mesmo sem os direitos e mercê, não se obtem por menos de 2 contos de réis. É o saldo da vida pública do magistrado que, geralmente, nunca mais põe aquilo por dois motivos. Primeiro porque perdeu a vontade de parodiar soberanos, segundo porque não lhe fica dinheiro para alugar carruagem e um homem de facha a tiracolo nas ruas da cidade tem logo — como qualquer figura popular — um cortejo de rapazio. E isto de se deixar de ouvir a *Portuguesa* para se escutarem vaias não é cousa para alegrar.

Tal é, pois, não enumerando outros meúdos precalços, como por exemplo, o de ter que saber francez correctamente, entrar num baile, falar com senhoras e comer com correcção, mesmo fóra da baixela German, a situação desgraçada a que os amigos dos candidatos os querem arrastar.

Como já disse nem por anuncio do *Diario de Noticias* qualquer pessoa, medianamente esperta, aceitaria o encargo, mas como os polticos pertencem a uma fauna diferente, é possível haver alguns que se preparem para o martirio da fraqueza das comidas e das forças publicas, o destas ao menos três vezes por ano.

Haverá alguém que se habilite?

Eu, como bom concidadão, lancei aqui o aviso, expuz as torturas, as dores e as faltas de pecunia, demonstrei que «não dá a mecha para o cebo» como diz o povo, e por isso me julgo ilibado do que lhes possa acontecer. Depois, quando sentirem que uma grande debilidade os assalta ou que são assaltados pela guarda republicana, não vão alegar a ignorancia do que vaticinei. Eu não sou o inimigo—como se vê—mas um panetário, bom rapaz, que não os quero entalados, os desejo longe do poder, os quero simples cidadãos porque, realmente, é possível a perspectiva de um dia—se a carestia da vida aumentar, na proporção em que vai, graças à moagem, e congéneres moedores das nossas existências—topar-se num canto desse Rocio, tão europeu com as suas sentinas e sentineiros, um cidadão cujo retrato a oleo fique no Museu da República, sentado abatido, de chapéu alto velho, casaca no fio, tendo pendente do braço a lata dos obulos com estes lamentosos e lamentaveis dísticos:

Já fui presidente, agora não sou . . . Peço a protecção do público.

O jogo, o governador civil e o Diabo

Como se joga com a policia — A nova ordem do chefe do distrito sobre o jogo — Como se evitou a regulamentação — A necessidade de a determinar — Causas do diabo — Os ingenuos elegantes

Noticiou-se que o senhor governador civil chamara os donos das casas de jogo e os prevenira de que ia, novamente, reprimir essa instituição nacional. É assim que se lhe deve chamar. Coincidiu com a publicação nos *Fantoches* de certa descrição dum club, onde até ministros jogam, tal medida do chefe do distrito e disse se quiz concluir imensas cousas.

Ora, na realidade, eu sempre tive a minha impressão sobre o jogo e se no tempo do dr. Sidónio Paes êle não foi regulamentado, por Machado Santos, a mim apenas se deve êsse tremendo êrro. É que o estadista capaz de dar êsse passo não se salvaria jámais — mesmo sendo honradissimo como êle — da acusação de receber dinheiro dos batoteiros. A mim ofereceram-me muito para eu influenciar o então ministro do interior a fazer concessões quando o projecto se tornou conhecido. Respondi como êle teria retorquido e o jogo continuou à vontade. Só muito tarde o presidente da republica soube o que se passava.

Proibir de jogar é impossivel. Senão vejamos. Dois individuos colocam-se numa rua e apostam nos números dos policiaes que passam, nos dos electricos, nos dos automoveis. Podem perder fortunas e ninguem é capaz de evitar essa jogatina. Diante de factos consumados só ha um caminho, aceitá-los. Quem quizer liquidar o jogo é louco; é como quem quizer destruir o demonio.

Ora o que se fez ao diabo foi denegri-lo, mostrá-lo de chavelhos nas profundas do inferno a frigir almas numa grande caldeira e vindo de vez em quando, à terra tentar os mortais. Os teologos, os doutores da igreja, os proprios santos não quizeram jámais demoli-lo mas apenas afugenta-lo. É que na religião ha mais sapiencia que na politica. O demonio tinha poder; pois bem era necessario cercar-lho, limitar-lhe a acção, tirar-lhe o contacto muito directo com o mundo, desentoxicar certos espiritos da sua tentação, salvá-los da maneira como êle se insinuava e para isso se a agua benta foi remedio, não o foi menos a pro-

filaxia da propaganda contra Satan e a limitação, por consequência, dos seus meios de acção.

Com o jogo é preciso fazer o mesmo. É desde já, dum alto valor o que se disser para o desmascarar dentro dos seus *Clubs chics*, como o diabo andava nos salões, é dum interesse enorme separar as belesas dos *restaurants*, das luzes, das melodias das musicas—ali a dois passos dos Bancos de das casas de comercio—do ruido das roletas. O jogo é, como o Inimigo, uma personalidade que deve ter o seu meio proprio: o seu inferno. E que lindo é em Monaco, em Baden-Baden, em Monte-Carlo, nas terras que vivem do seu producto como o estado cobra a sua contribuição a favor da miseria! Isto, porém, é tudo regulado por leis e não depende de arbitrios, foi votado em municipios e em Parlamantos e não é regido pelo acaso e desde que se saiba onde é o limfite do dominio infernal e se vai embarcar com Charonte, levando o seu passaporte em regra, ninguem poderá atribuir ao diabo os males de quem com êle se foi meter. Agora ali, dentro da cidade, instalado nos melhores palacios sem palafreheiro e sem freio, à doida, atraindo, conquistando, lóra da lei quando uma a êle destinada se devia ter feito—pois a regulamentação impõe-se e já—é que não pode ser aceitavel.

Não é dum sedição desejo de moralidade que me leva a tratar do assunto ao qual não me referiria mais sem a ordem do sr. governador civil aos batoteiros, após a descrição aqui feita, dum desses elegantes *chateaux* demoniacos; o que move a minha pena é sentir que o jogo, tal qual se exhibe e se explora, só aproveita a meia duzia de industriais desse negocio cujos males são incalculaveis mas impossiveis de totalmente acabar embora muito faceis de restringir.

Dizer aos batoteiros que se vai de novo coartar o jogo é reconhecer-lhes oficialmente o direito a um comercio que a justiça pune. O que havia a fazer era bem diferente e eu, agora com desassombro para encarar todas as situações e todas as infamias com que me pudessem ferir, aconselharia a quem como Machado Santos, mandasse—a regulamentação embora em condições que dum estudo dependem mas que resolveriam o assunto.

O resto é apenas uma inversão de leis, um assalto ao código, um poder tremendo diante doutro poder a alastrar como se fosse possível que Deus se atemorizasse diante do Diabo.

Mandou-o para o inferno coitado; e o Porco Sujo acomodou-se lá, o melhor que poudé nos seus casinos das Rivyeras do Caldeiro de Pero Botelho e nas margens umbrosas de Lethes onde até já se tocam *Missas de Requiem*, desde que para os *clubs* de jogo se mandou o *jazz-band*, a verdadeira musica infernal.

A Republica tem benemeritos titulares?

Uma singular noticia—Os titulares e os jacobinos—O 31 de Janeiro á luz da historia—O que elle póde ser para o autor dos «Fantoches»—O que não é para os fidalgos—Dois graneis trocados?

Vejamos, como uma troca de graneis, pois outra cousa não póde ser o que se vai relatar, arruina, por vezes, no conceito dos seus concidadãos, estimaveis senhores.

Quem desconhece os bastidores da imprensa, mal concebe como estas cousas sucedem; umas vezes é o paginador, distraidamente, que junta uma noticia de fachadas com a duma *délivrance* elegante, outras um mero acaso que entrelaça o discurso do ministro com as manigancias dos mixordeiros.

Outra cousa, repito, não póde ter acontecido em relação ao que se vai lèr, extraído do *Diario de Noticias*, de 2 de fevereiro:

NO CENTRO ESCOLAR REPUBLICANO 31 DE JANEIRO

Com desusado brilhantismo, realizaram-se ante-ontem nesta agremiação republicana, as festas do aniversario da sua fundação, tendo sido iniciada com uma salva de 21 tiros. Ao meio dia realizou-se uma sessão solene, seguida de distribuição de um bodo aos pobres e de vestuario ás crianças que frequentam as aulas do Centro.

Pelas 2 horas da tarde, estando as salas do Centro repletas de convidados, foi descerrado um quadro de honra, tendo inscritos a letras de ouro os nomes de todos os benemeritos que têm contribuido para o engrandecimento desta agremiação.

Discursaram nessa ocasião os srs. presidente, dr. Raul Mendes Coelho e general Filipe da Silva que prestou homenagem aos principais benemeritos deste Centro, srs. Jaime de Vasconcelos Tompson, conde da Ponte, Sebastião do Rêgo, administradores da Companhia Nacional de Navegação, dr. Orlando Melo do Rêgo, etc.

As festas terminaram á noite com uma récita.

O que surge aqui em letra forte deve iniciar o pastel tipografico, pois considerando-se dos mais representativos monarchicos os dois primeiros cavalheiros, os srs. Tompson e conde da Ponte, não é natural que

sejam, ao mesmo tempo, protectores — *principais benemeritos* — do Centro Escolar Republicano 31 de Janeiro. Foi troca de granel. Não haja duvida. Sosseguem os monarchicos. Aquilo com certesa referia-se ás Juventudes, a alguma festa mundana, aos socorros aos realistas alcançados pela má sorte e aos quais se dão auxilios e que se ligou á festa dos democraticos como um lirio nos bicos duma piteira.

Se assim não fosse, se realmente *num quadro de honra, tendo inscriptos a letras de ouro os nomes de todos os benemeritos* do Centro, lá figurassem aqueles, teriamos que sentir uma formal adesão á republica desses dois excellentes monarchicos, pelo menos dos *cartes mondains* e não estranharíamos vê-los amanhã no ministerio ou na diplomacia servindo a nação republicana, desligados de compromissos anteriores.

Eu, nestas cousas, sou pela liberdade de acção. Vive-se duma crença, duma fé, dum ideal e de repente reconhece-se que ele abriu falha, nada mais natural que deixá-lo, e ir experimentar outro, mas dizendo claramente, abertamente, francamente:

— Senhor ideal, adeus! Você tinha rugas, olheiras, coxeava! Passe por lá muito bem.

Ficar com o dos empenhamentos para as tradições e com o das graças para os interesses, isso é que não póde ser nem é, decerto, o caso presente.

Eu, por exemplo, tenho enormes amizades nos partidos republicanos, conspirei até com muitos dos seus membros, vivi na intimidade de Machado Santos, fui como irmão dele e de José da Maia, acamaradei com Granjo, fraternalmente convivo com Tamagnini e com Artur Leitão, amigo sou de Peres Trancoso, de Cunha Leal, de Americo de Oliveira, mantenho relações enormes com ministros, diplomatas, até com presidentes do conselho da republica, jamais deixei de me corresponder com o proprio chefe do Estado, com Teofilo e Magalhães Lima, mas o que eu nunca poderia fazer, sem abandonar o meu partido, era filiar-me nos Centro Reformista, Sidonista ou democratico. Se o fizesse, viria dizer ao publico as razões porque assim procedia. Na hora propria em que os da minha grey me exigissem um sacrificio, eu não deixaria de ir contra os meus amigos em nome dos meus principios. Deles esperei sempre o mesmo, embora na hora das derrotas duns e das vitorias doutros nos encontremos chorando.

Assim, sim. A amizade dos republicanos, dos bolchevistas, dos avançados, não tem que vêr com as nossas opiniões. Os seus sentimentos são fixos em demasia para desbotarem sobre nós. Agora o que inflúe é o passo da ligação com agremiações de politica diferente da nossa. Nas horas das conjuras frequentei quasi todos os centros republicanos, excepto os democraticos, mas nunca me filiei nem os protegi, ou benemeriencie. Ao Costa Pinto succedeu o mesmo e os republicanos prenderam-no em Monsanto, em nome do seu ideal e fizeram o seu dever.

Dal, sendo eu o mais *pé fresco* dos reacionarios — ao que dizem — não acreditar, apesar de tudo, que pessoas de tão subida categoria pertençam ao Centro 31 de Janeiro.

Ora essa! Aquilo é engano! Deve entender-se, quando muito, com o Centro 1.º de Dezembro. E' um erro de mez. Se isso até succede com alguns nascimentos. — E' que o 31 de Janeiro aos olhos do senhor Thompson, que se diz conde de S. Gonçalo, e do senhor conde da Ponte, de fidalguissima ascendencia, e que deu a sua demissão da Armada ao che-

gar o novo regimen, deve aparecer como um espectro. Eu posso vê-lo, no meu sentir plebeu e patriótico, igual a um protesto contra a bofetada inglesa, aqueles senhores não.

O 31 de Janeiro, para eles, deve ser a resolução que tendia a demolir o trono, a expulsar D. Carlos, a proclamar a republica tão detestada por ambos, que um só, junto da familia real vivia e outro deixou os seus galões quando o novo estado triunfou. O 31 de Janeiro, para nós, homens da rua, que apesar de sermos creanças, nessa epoca, não deixamos de sentir o *ultimatum*, pôde ser como uma recordação dum astro vermelho passando aos nossos olhos infantis e não esquecendo jamais; para eles, já pela sua educação, já pela sua categoria, a data deve surgir-lhes como a reivindicação duma plebe militar e civil, disparando as suas armas contra a formula, contra o regimen, contra a aristocracia, contra o paço, onde nós nunca entramos, e onde eles assistiam. Daí o não acreditar, rêpito, que um illustre fidalgo—primo do senhor conselheiro Ayres de Ornelas—representante d'el-rei—e um titular, embora não reconhecido ainda, mas irmão da senhora marquesa de Chaves, tenham os seus nomes em quadros dourados no Centro Republicano 31 de Janeiro!

Quero dizer, eu compreenderia até que se dissessem jacobinos—que demonio! Filipe l'Egalité foi-o e os seus descendentes—os Orleans—reinaram—mas não admito, em consciencia, que lizessem essas transformações á surrella. Nada mais simples nem mais digno haveria do que um passo desassombrado.

—Meus senhores realistas—gritariam ambos—os cavalheiros não passam duns reacionarios. Acordámos do nosso letargico sono de muitos anos, vibramos com a nossa época, somos contra os privilegios e não queremos reis. Viva a republica! Como post-scriptum decerto acrescentariam: Renegamos e abolimos os nossos titulos.

E nós todos, ao toparmos nas ruas os senhos condes esquecidos dos avós, em nome dos netos, viriamos para eles de mãos, estendidas, amigos e curiosos:

—O' meus caros . . . Então que tal é aquilo por là?! . . . Não lhes fez mal a mudança de ares . . .

Dir-lhe-íamos, até, que já não nos constipamos nos montes da republica e tudo iria pelo melhor, excepto nos salões onde as senhoras os olhariam como se os vissem de barrete frigio.

Isto, porem, não sucederá. Pode acontecer o contrario, isso sim, esses dois homens da aristocracia virem declarar não ser verdade aquilo que o *Diario de Noticias* publicou, decerto pela confusão de graneis, pela mistura duma sessão do Centro Radical com o das Juventudes Monarquicas.

Em todo o caso, alarmou-se o espirito de muita gente, cochichou-se aí pelo Chiado, mandaram-me cartas e procuraram-me combatentes do Monsanto e do Porto, querendo saber se os seus sacrificios resultariam inuteis ou serviriam a quem não os merecia. Sim—exclamava um dos mutilados—eles é que são os condes e nós é que nos condenamos a morrer. Para que eles floresçam de officiais-móres e de moços fidalgos andamos nós debaixo de fogo como officiais do exercito rebelde e como moço de fretes para seu proveito. Vi-os muito excitados e deliberei tirar o caso a limpo, não porque me allija sentir titulares republicanos, mas simplesmente porque realmente a situação me interessa. Será possível em Portugal uma republica aristocratica? Eis um problema da histo-

ria contemporanea que me seduz tanto como a investigação das causas que levaram a populaça a apedrejar um avô do senhor conde da Ponte, á saída das Necessidades no dia da morte do D. Pedro V. Seria já republicano esse fidalgo? Não; e o seu digno neto rasgou a farda quando a revolução triunfou.

E' o que lhes digo . . . Esta questão de tanto fragor não passa dum pastel que vai ser desmanchado com duas cartas das vítimas da typografia ao representante do rei exilado.

E' que se assim não se fizesse, o partido democratico começar-se-ia a parecer com o sidonismo com tantos titulares e isso excitaria as coleras do grupo dos 13 a unica, a verdadeira aristocracia, daquela facção e à qual, que me conste, aqueles illustres cavalheiros não pertencem, nem mesmo como benemeritos.

Honnit soit qui mal y pense!

O Baile do Terceiro Sexo

**A quadri-lha do vicio — Os balles dos "homens"
— A baixa estola e as altas camadas—Os salões
onde os recebem — Havia gente elegante na ba-
chanal da Graça?! — Os "Zehras" da decadencia.**

Em certo recinto reservado na Graça quiz dançar-se, no Entrudo, o que eu chamo a *quadrilha do vicio*.

Homens mascarados de mulheres, uns de seda outros mal amantados, juntaram-se, exhibindo as suas tendencias libidinosas sob os trajos emprestados nos quais se adengaram em contorsões lascivas á espera da hora excitadora do seu bailado extranho.

Alguns, decotados, mostravam carnações brancas, gestos efeminados numa parodia chiula das fêmeas—detestadas por eles—, outros arregaçavam saias incriveis, em ares de quem não as quer enxovalhadas na lama, e bôcas grosseiramente pintadas a vermelhão, faces rosetadas, como as dos bonecos ordinarios, surgiram com os corpanziz desengonçados, as andadas de saracoteamento, os ademanes repugnantes nessa hora de Carnaval—imitando—como se este terceiro sexo, vivesse numa maçonaria internacional de maculas—as grandes reuniões dançantes dos seus émulos das salas da Dresdenstrasse e de Burgstrasse de Berlim, assim como dos *basfonds* francezes e ingleses.

Todas as camadas sociais enviam os seus representantes, os invertidos sexuais que adregam nascer nos diversos meios, a essas bacanaiz punidas pelo celebre paragrafo 175 do Codigo Alemão, *Pederast Ableitung*.

Em Lisboa, nessa tentativa de contaquear lascivias singulares, apenas foram apanhados individuos das camadas baixas (*), uns alfaiates, um sapateiro, pequenos empregados do commercio, e criados de servir; mas correu na cidade que individuos de categorias mais altas tambem ali se encontravam tendo conseguido escapar.

Não sabemos se assim foi. Talvez que haja um exagero nesses dizeres alargados como um boato pelo qual não se quereriam castigados apenas os

(*) Os julgados e condenados no governo civil, pelo sr. dr. Paulo Menano, foram Ricardo Domingues, empregado do commercio como Carlos José Ribeiro, Eduardo do Espirito Santo, Julio Dias Pinto, Antonio Gouveia da Silva, Anibal de Melo, Armando Borges, Victor Simões, Antonio Lopes, Abel Galo, Carlos da Silva, e Silverio Candido Teixeira Lopes; os creados eram Lazaro dos Santos e Antonio de Sousa, José Silvestre, um sapateiro Artur Baleia, um alfaiate José Sautana e um enfermeiro José de Castro completavam os 18 que a policia conseguiu capturar.

viciosos de situação baixa; talvez mesmo que essa alastrante noticia viesse da constante aparição em logares publicos de individuos de certas posições hierarquizadas alguns dos quais chegam a besuntar-se como *cocottes* em carmins e a pódarrosar-se em roxo ou em branco num desafio aos olhares, como taboletados, marcando-se, exhibindo-se.

Claramente que estes teem tambem as suas diversões e festas mesmo fóra do Carnaval, em logares mais elegantes; há até os que possuem espêndidas casas, onde á semelhança do que dizem os convites dos bailes dos «homens» denunciado pelo *Morgen Post* em 1899, se pode lêr: «Não falte. Divertir-nos-hemos e sem mulheres».

Esses pastichamentos das reuniões mundanas chegavam até ao exagero. Apareciam ephebos carregados de joias, semi-nús e os convites eram expedidos em titulos ou em nomes femininos: «a baronesa» «a condessa», «a doutora» a Luisa Pluma d'Avestruz, Bertha Agulha etc.

A calila, disfarçada com os seus fatos, mascarada como para um carnaval bárbaro, só tinha uma ansiedade, o contacto com os viciosos da sua especie e com os activos, como nos clubs lisboetas os que amam o jogo mal reparam nas salas e só sonham, ao entrarem, com as cartas e roletas.

Como se sabe, mesmo na melhor sociedade, aqueles singulares personagens não ocultam os seus defeitos, galeam até em mostrarem desdenhos pelas senhoras e n'uma atmosfera que devia expurgal-os movem-se, agitam-se, pertencem-lhe, falando docemente, de olhos pintados, labios entubescidos, admirando um escriptor pelos seus vicios, lendo-o, decorando-o, anotando-o, amando-o como a incarnação da sua apaixonada tendencia sexual, na qual tiveram antepassados de grande renome desde reis a poetas, desde um musico de genio a militares da nobre estirpe.

Tambem tem o seu livro genealogico a pederastia.

Isto, porem, vinha a proposito de, no baile da Graça, só terem sido apanhados os da estofa infima e da lei não ter um paragrafo, como a da Alemanha, a qual rigorosamente os pune.

Que se importam os seres anormalizados ao ponto de exhibirem o rosto pintado, que a policia os teve ao tribunal e os faça pagar 160 ou 200 mil reis? Todos eles os puderam desembolsar apesar da modestia das profissões. O que significa tal ausencia de dificuldades monetarias em gente de tão vulgares misteres? Que a seita viciosa alastra e jámais abandona os filiados. Chegou-se até á protecção da imprensa em lhes occultar os nomes.

Eu já vi, e por sinal que fiz uma scena ruídosa no Martinho, certo velho conhecido na sociedade a esportular quantia de respeito a um desses moços carminados, cujo colarinho era tão aberto que lhe mostrava grande parte do pescoço, quasi até ao começo do peito e, no entanto, por todos os logares, mesmo em reuniões elegantes, são recebidos e acatados os individuos daquela laia. Eles surgem ás mesas dos *restaurants*, nos chás, nos espectaculos, conhecem-se-lhes os nomes, os habitos e as misérias morais e, todavia, não se deixa de lhes apertar a mão, de os convidar, viciosos uns, gananciosos outros, — pois existem até profissionais dessa inversão, — como se apadrinhassem as torpes exhibições dos seus ademanos, gestos e falas, o destaque, mesmo nos trajos masculinos, dos homens a valer, dos verdadeiros testiculados.

Como não frequento a sociedade onde se desnalgam estes especimens da decadencia não sei como as senhoras os recebem mas, nalguns meios

... não encontrou o tal... Não é pois só no baile de...
 ... as suas paradas de...
 ... que eles apontam...
 ... para os...
 ...

O Solitario da Rua da Assunção, 67, 4.º andar, direito

O senhor doutor Brito Camacho deixa a política—Unde se evocam os grandes aborrecidos — As uniões do chefe unionista — A sua obra e a sua renúncia — O êrmo e o filosofo — Azeltes ou vinagres?

A coisa mais impressionante para um intelectual é vêr um grande homem desiludido, renunciar a tudo quanto fazia a razão da sua vida, da sua gloria, do seu espirito e, fugindo do mundo, deixando os seus hábitos, recolher a um tegúrio, ou porque acabaram os conventos ou porque muitas vezes os frades não o querem nem mesmo despojado das suas ambições.

Ninguém pôde, neste momento, perguntar-me porque relembro esses gestos de abandono desde que o país—a não ser que seja profundamente ingrato—sabe a grande nova, a qual deve ter passado por cidades, campos e ares como uma rajada ululante. O senhor doutor Brito Camacho desquitou-se da política.

Representa semelhante deliberação um cataclismo e este passo um luto, e não o digo por ter acabado a *Lucta*, mas sim porque, na realidade, a nação chegou ao desolamento.

Homem conciliador, construtivo, moderno, grande tolerante em matéria política, tendo, durante anos, feito a união na sociedade portuguesa, revelou-se um administrador tão atilado que, após meia duzia de meses, de governo em Moçambique, largou a provincia, onde, decerto, deixou tudo feito.

Coroadada assim a sua magnifica obra, quebra-se os dentes à calúnia que o dizia perturbador, irrequieto, capaz de sacrificar um amigo a uma piada, antiquado em seus modos e trajes, intolerantissimo para com os adversarios, o principal elemento de discordia na familia nacional, frequentador de uma botica para substituir todos os venenos e tanto na impotencia de realizar uma obra fecunda na colonia que, retirou sob imprecações.

Não há, neste mundo, para os homens superiores, justiça alguma; só a morte os coloca no seu devido logar e a prova está em que o senhor Brito Camacho de tudo se separa e vai viver isolado, num retiro, num êrmo.

É o novo solitario.

Depois de Herculano, recolhido a Vale de Lobos, de Camilo a S.

Miguel de Seide e de Basilio Teles ao seu predio da Foz, não havia mais nenhum exemplo de isenção de cerebrações daquelas, porque Portugal é fanatico. Chegou a vez ao senhor Brito Camacho, o solitario do 4.º andar da Rua da Assunção 67, Direito.

Imagine-se o que vai ser a sua existencia nesse distante lugar onde não se ouve senão a pio agoirento, das corujas os uivos da ventania, o miar das gatas em noites de lua e os *pst pst* dumas raparigas, tragicas tambem, que vagueiam ali perto em pecado mortal metidas! Nem o silencio pesado da quinta santarena nem o ramalhar das carvalheiras na janela camiliana teem o horrído desta solidão num ultimo andar da cidade Baixa onde o homem renunciante procurou o seu refugio.

Jámais o verão no Chiado com o seu bigode de mandarim de terceira classe, o seu chapéu de quatro sôcos, as calças refegadas, a luneta apertando-lhe o nariz, nas suas passadas largas e com os livros sob o braço embrulhados num jornal velho. Para que demonio quer êle agora passar na grande via da estúpida elegancia nacional, para que lhe servem os livros, a toda a hora, se não ha mais jornal para fazer nem graves problemas politicos para cogitar?!

Outr'ora sim; ninguem se animava no Calhariz senão quando o chefe unionista passava para realisar a união portuguesa e mais tarde para partir em direcção à união sul africana. A vida só corria risonha, naquelas paragens, quando êle chegava com seu metodo de unir do qual são provas concludentes as paginas do seu orgão.

Aquilo é que se chamava mais do que ligar, cerzir. Quando uma grande maioria acatava a republica, êle mandava-a cerzir-se à velha instituição, quando a canalha rugia contra os monarquicos êle cerzia-lhe a alcunha de justiça popular, quando Sidonio Paes queria, por seu alvedrio, deve dizer-se, aniquilar o afonsismo êle pretendeu cerzi-lo no seu logar no ministerio dos estrangeiros, descozendo-o dos compromissos revolucionarios.

Depois sabe-se o resto, toda a sua acção para o cerzimento das forças contra o libertador, e, enfim, a ideia de ir acabar os seus dias passajando no ultramar uns pontos exactamente eguaes aos que ensaiara na metropole. Para demais estava ali ao pé a União Transvaliana e, na sua qualidade de unionista, largos projectos podia acalentar. Partiu; deixou o Calhariz desolado mas sacrificou-se e, dentro em pouco, ninguem o duvide, a união será tão estreita entre Moçambique e a republica boer que nem haverá fronteiras nem limites nem bandeiras portuguesas. Para quê...? Era preciso unir e êle lá foi.

Depois de tantos trabalhos, fainas e canseiras, o herói não carecia ainda de descansar. Veio vêr a sua obra e parece não ter gostado. Durante a sua ausencia tudo se transtornara; ele começou a sentir-se «um estrangeiro falando regularmente português», exactamente como o senhor Bernardino Machado; entrou a compreender que «só se fala de revoluções e de dinheiro» duma forma muito parecida com a usada desde ha doze anos, e, então, desiludido, ante tantas coisas novas, deliberou recolher-se. Claro que ficando livre de pessimismos — como se vê — perdeu na viagem todas as suas características — e decidindo-se pela ausencia, escolheu o seu êrmo.

Melhor não podia ele ser para um solitario filosofo, de mal com os homens que não galgam aos telhados, a não ser em forma de limpa chaminés, de pedreiros ou de aviadores quando chega a *panne*; mais belo

